

A TERRITORIALIZAÇÃO DO TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO-PR¹

Rural tourism's territorialization in Francisco Beltrão County-PR

Luciano Zanetti Pessôa Candioto*

***Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE**

Curso de Geografia

Rua Maringá, 1200 – Bairro Vila Nova – Campus Francisco Beltrão, Paraná, Brasil – CEP: 85605-010,
lucianocandioto@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo apresenta reflexões sobre o processo de territorialização do turismo no espaço rural em Francisco Beltrão, com destaque para os estabelecimentos rurais abertos à visitação e, para a criação do roteiro turístico denominado “Caminhos do Marrecas”. Partindo de uma discussão teórica acerca do processo de territorialização do turismo e, em seguida, do resgate da trajetória de abertura dos estabelecimentos e da configuração do turismo rural de Francisco Beltrão a partir do final da década de 1990, procurou-se apresentar o atual panorama de organização dessa atividade, que vem crescendo no município e no país. A territorialização do turismo rural em Francisco Beltrão se inicia com ações individuais e isoladas por parte dos proprietários de estabelecimentos, seguida pela atuação de uma técnica do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), que passa a organizar reuniões com esses proprietários, até a instituição do Roteiro de Turismo Rural “Caminhos do Marrecas”.

Palavras-chave: Turismo rural. Francisco Beltrão. Territorialização. Caminhos do Marrecas.

ABSTRACT

This paper presents reflections on the process of tourism's territorialization in rural areas of Francisco Beltrão County, located in Paraná state, Brazil. The paper highlights the establishments that receives visitants and the creation of a tourist route called "Caminhos do Marrecas". Starting from a theoretical approach about tourism territorialization's process and of a rescue to the opening establishments' trajectory and the conformation of rural tourism in Francisco Beltrão setting from the late 1990s, the text presents a current overview of the organization of this activity, which has been growing in the county and in Brazil. The territorialization of rural tourism in Francisco Beltrão starts with individual and isolated actions by the owners of establishments, followed by the performance of a technique of Paraná's Institute of Technical Assistance and Rural Extension (EMATER) who began to organize meetings with these owners until the institution of a Rural Tourism Route called "Caminhos do Marrecas".

Keywords: Rural tourism. Francisco Beltrão. Territorialization. Caminhos do Marrecas.

1 INTRODUÇÃO

Considerando o turismo como atividade econômica responsável por uma grande circulação de pessoas, mercadorias e dinheiro, que comercializa as mais diversas paisagens e, por conseguinte, produz e transforma territórios e o próprio espaço geográfico, vários geógrafos vêm debruçando-se sobre o estudo da relação entre Geografia e Turismo através de abordagens teórico-metodológicas provenientes das ciências humanas e da apreensão das implicações do turismo na organização espacial.

A partir da participação em pesquisas relacionadas ao turismo no município de Francisco Beltrão-PR, procurou-se nesse artigo, elencar alguns elementos de territorialização do turismo rural

nesse município, com destaque para o roteiro de turismo rural denominado “Caminhos do Marrecas”.

Entende-se que o turismo é mais uma atividade que permeia diversos territórios já existentes, podendo modificar territórios e territorialidades, e também, criar novos territórios e territorialidades. Trabalha-se com a ideia de que um território criado a partir do lazer e/ou do turismo, ou seja, um roteiro, circuito ou mesmo um simples estabelecimento aberto ao turismo pode ser considerado um *território turístico*, que corresponderia ao espaço onde se efetivam as relações de poder entre os sujeitos sociais envolvidos com o turismo. Quando determinado projeto, circuito ou empreendimento turístico se instala em um lugar, inicia-se um processo de territorialização turística desse lugar, criando um território turístico. Este pode estar espacializado em uma área física contígua, em pontos ou em redes, como ocorre com qualquer território (CANDIOTTO, 2007).

Ao buscar elementos da territorialização do turismo nos lugares, é possível apreender os principais sujeitos envolvidos, bem como a interdependência entre os objetos e as ações em torno do desenvolvimento do turismo. Nesse sentido, são apresentadas reflexões atinentes ao município de Francisco Beltrão, considerando a configuração dos estabelecimentos abertos à visitação turística no espaço rural, as formas de organização dos atores envolvidos, o papel da Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e outros fatores pertinentes no processo de territorialização do turismo no espaço rural beltronense.

2 IMPLICAÇÕES DO TURISMO NO TERRITÓRIO E NAS TERRITORIALIDADES

A partir da década de 1990, as pesquisas e abordagens em torno das implicações socioespaciais do turismo por parte de geógrafos foram ampliadas, levando ao surgimento de distintas correntes, que variam segundo o enfoque e a fundamentação teórico-metodológica adotada. Alguns estudos priorizam uma das dimensões do turismo (econômica, cultural, política ou ambiental), enquanto outros procuram abranger tais dimensões de forma integrada. No entanto, os geógrafos dedicados a essa temática, vêm buscando interpretar as formas de uso e apropriação de paisagens, lugares e territórios, a partir da inserção do turismo no espaço geográfico.

Diversos pesquisadores nacionais e estrangeiros, já estabeleceram relações do turismo com o conceito de território. Knafou (2001) acredita que o turismo expressa uma relação com o território. Cara (2001) afirma que o turismo é produtor, transformador e consumidor de espaços e do território, e Silveira (2002), entende que além de produtor e consumidor, o turismo é um organizador do território. Tanto Cara quanto Silveira parecem perceber o território como uma determinada unidade político-administrativa.

Luchiari (2001) e Coriolano (2006) apontam que o turismo leva à apropriação de territórios, e Coriolano (2006) fala também da dominação e a transformação de territórios a partir do desenvolvimento do turismo. Concordamos que o turismo se apropria e domina territórios, porém mais do que isso, acreditamos que o turismo cria um novo território, ou seja, um território turístico.

Almeida (2004) e Rodrigues (2006), também indicam a que o turismo cria um novo território. Apesar de preferir utilizar o conceito de lugar turístico, Almeida (2004) afirma que a implementação da atividade turística local traz um novo território. Já Rodrigues (2006), utiliza e enfatiza o conceito de território turístico.

Luchiari (2001) aborda o conceito de territorialidade aplicado ao turismo, afirmando a existência de territorialidades do tempo-livre, pautadas por um forte conteúdo ideológico vendedor de paisagens idealizadas pela mídia. Esse tipo de territorialidade seria disponível para os turistas que podem usufruir aqueles territórios propagados pela mídia como os melhores para o turismo.

Acreditamos, no entanto, que as maiores mudanças no que tange à territorialidade ocorrem com a população residente das áreas receptoras dos turistas. A invasão proporcionada, primeiramente pelos construtores e empreendedores, responsáveis pela infraestrutura e

equipamentos turísticos, aumenta o valor do solo e faz com que vários moradores dessas áreas vendam seus terrenos e se mudem para bairros periféricos ou outros municípios. Aqueles que têm condições de investir podem permanecer nessas áreas, porém a maioria, que apenas vive no local, acaba sendo atraída pelos preços pagos por seus imóveis, mudando-se para áreas menos valorizadas.

Quando tudo está pronto para a recepção dos turistas e quando estes começam a chegar, é iniciada a fase de maiores mudanças na territorialidade da população residente. A invasão dos turistas e seu comportamento de superioridade fazem dos habitantes meros coadjuvantes e serviçais (na visão dos turistas). Além do sentimento de perda, os residentes passam a questionar seus hábitos e sua cultura, e buscam incorporar o jeito de ser, falar e se vestir dos turistas, ao achar que os hábitos dos turistas são melhores e mais modernos. Esse fenômeno foi denominado por Swarbrooke (2000), *efeito demonstração*. Contudo, ressaltamos que mesmo de forma mais tímida, os turistas também podem ser influenciados por valores materiais e/ou imateriais, ou seja, territorialidades da população receptora.

Knafou (2001) é outro geógrafo a abordar aspectos da relação entre territorialidade e turismo, identificando dois tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem² (população residente), e a territorialidade nômade dos que só passam (turistas), mas também buscam se apropriar dos territórios que frequentam. Além da territorialidade, Knafou (2001) também fala em lugares turísticos e em territórios turísticos.

A partir do exposto pelos autores acima, entendemos que é o processo de territorialização do turismo que pode formar os chamados territórios turísticos. Portanto, para abordar o processo de territorialização do turismo rural no município de Francisco Beltrão, discorreremos sobre a territorialização do turismo no plano teórico.

3 O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DO TURISMO

O conceito de território é fundamental para apreender a produção e o consumo do espaço geográfico, pois leva em consideração as relações de poder entre indivíduos, grupos sociais, instituições públicas e firmas privadas, que, por sua vez, se apresentam como principais atores no processo de transformação do espaço. Além disso, o conceito de territorialidade tem forte ligação com o conceito de lugar, de modo que ambos refletem a dimensão cultural e identitária das populações com seu cotidiano, ou seja, o espaço vivido, chamado por Santos (1996) de *espaço banal*.

A partir das pesquisas empíricas e das leituras e reflexões teóricas em torno das transformações socioespaciais decorrentes da implantação do turismo nos lugares, desenvolvemos uma discussão pautada no processo de territorialização do turismo. Partindo do princípio de que o turismo se territorializa material e simbolicamente nos lugares, e, portanto, cria um novo território – permeado por relações de poder e intencionalidades convergentes e divergentes – discorreu-se brevemente sobre como se dá o processo de territorialização do turismo. Apesar de partir do debate sobre a territorialização do turismo no plano teórico, o conhecimento de experiências empíricas de formação e desenvolvimento de roteiros, circuitos e outras iniciativas de desenvolvimento do turismo foram fundamentais. Assim, são apresentadas nesse artigo, considerações gerais sobre esse processo para fundamentar o debate sobre a territorialização do turismo no município de Francisco Beltrão.

Entende-se que o turismo é mais uma atividade que permeia diversos territórios já existentes. Assim como as outras técnicas, o turismo pode modificar territórios e territorialidades e criar novos territórios e territorialidades. Um território criado a partir do lazer e/ou do turismo poderia ser chamado de *território turístico*, e corresponderia ao espaço onde se efetivam as relações de poder entre os atores sociais envolvidos com o turismo. Quando determinado projeto, circuito ou empreendimento turístico se instala em um lugar, inicia-se um processo de territorialização turística

desse lugar, criando um território turístico. Este pode estar espacializado em uma área física contígua, em pontos ou em redes, como ocorre com qualquer território.

No território turístico, costuma predominar uma racionalidade econômica vertical ditada pelo *trade* turístico, porém há um conjunto de objetos e ações, locais e extra-locais, que coexistem com os ditames do *trade*, podendo sucumbir a estes ou não.

Ressalta-se que mesmo antes de se materializar nos lugares, o turismo pode ir se territorializando inicialmente no plano simbólico, ou seja, no imaginário das pessoas. Isso se dá, sobretudo em virtude de discursos, notícias e propagandas que passam a divulgar o(s) futuro(s) roteiro ou empreendimento turístico. Os maiores divulgadores do turismo acabam sendo os políticos e empresários do setor que, através de seus órgãos de classe (partidos, administração pública, associações comerciais e empresariais, entre outras) repassam as informações que julgam necessárias para os meios de comunicação (rádio, jornal, TV, sites da internet). Em seguida, esses sujeitos acabam informando a população local e regional sobre os projetos e ações a serem realizados no âmbito do turismo. Assim, utilizando os conceitos de Milton Santos (1996), entende-se que a territorialização do turismo se inicia muitas vezes na *psicosfera*, ou seja, no imaginário social, para posteriormente se instalar na *tecnosfera*, isto é, para se materializar na paisagem e nos lugares, através de objetos e ações.

O papel do Estado é fundamental para a institucionalização e para a regulação do território turístico, através do incentivo à entrada de novos atores, e da criação de normas para o controle da atividade. Com o desenvolvimento do turismo apoiado pelo Estado, surgem novos atores sociais exógenos e/ou novas ações de atores já presentes em determinado lugar. Esses atores vivenciam relações de poder entre si, com a comunidade local e com os gestores públicos, de modo que essas novas relações modificam territorialidades pré-existentes, em virtude da criação de um novo território: o território turístico.

Esse território do turismo se sobrepõe, contudo, a outros territórios, que podem ou não estar presentes em uma mesma unidade político-administrativa ou no mesmo espaço físico. Como exemplos, têm-se os territórios do comércio, os das indústrias, os das atividades agropecuárias, os territórios das igrejas, do poder público, entre outros.

O processo de criação de um território turístico pode ser chamado de *territorialização turística*. Os territórios turísticos formam-se a partir do processo de territorialização turística³, que, por sua vez, é dependente do avanço das técnicas e da territorialização do capitalismo (industrial e financeiro) no regime de acumulação flexível. A territorialização turística consiste na existência de objetos e de ações em torno do lazer e do turismo em um lugar, englobando as intencionalidades – convergentes e divergentes – dos sujeitos/atores.

A territorialização turística é uma das faces da territorialização do capital e corresponderia à entrada de novos objetos técnicos em função do turismo, de novos atores sociais, das ações desses atores e suas intencionalidades, de atividades econômicas, usos do solo, dos recursos naturais, da idealização do rural, da cultura e da natureza. Esses novos elementos, apesar de terem forte influência das *verticalidades*, se inserem no lugar enquanto *horizontalidades* (Santos, 1996), e modificam a dinâmica espacial local. Isso conduz a novas relações culturais, isto é, a novas territorialidades, seja para a população local (direta e indiretamente ligada ao turismo), para os empreendedores, e para os turistas (em menor proporção).

O processo de territorialização turística é relativamente homogêneo (criação/apropriação do produto turístico, entrada/atuação de verticalidades através dos atores do *trade* turístico, padronização de normas e predomínio da lógica economicista do turismo, retórica da sustentabilidade). Os territórios turísticos decorrentes dessa territorialização são, porém, heterogêneos, pois as *territorialidades verticais* (de sujeitos e instituições de âmbito global) combinam-se às *territorialidades horizontais* (cotidianas) do lugar, de modo que tal coexistência faz com que cada território turístico possua suas particularidades.

Ressaltamos que o conceito de territorialização é mais amplo que o de territorialidade, pois a territorialização corresponde ao processo de formação de um território, que depende do conjunto de objetos e de ações de diversos sujeitos, sejam firmas, órgãos públicos ou indivíduos. A territorialização é física e material, porém está vinculada a aspectos políticos e econômicos (i)materiais. Já a territorialidade seria subjetiva e direcionada à área de atuação/influência de indivíduos e grupos sociais, sendo eminentemente vinculada à esfera política, econômica, social e simbólica. Em um mesmo território, coexistem diversas territorialidades dos atores envolvidos, e cada indivíduo também possui múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004). Tanto os territórios quanto as territorialidades são dinâmicos e se encontram em constante processo de transformação.

Portanto, o processo de territorialização turística leva à formação de territórios turísticos, e por sua vez, a mudanças nas territorialidades de indivíduos e grupos sociais (sobretudo locais), bem como de firmas locais e extra-locais.

A territorialização turística consiste na existência de objetos e de ações em torno do lazer e do turismo em um lugar, englobando as intencionalidades – convergentes e divergentes – dos atores. Cabe ressaltar que, na territorialização turística (e em outros processos de territorialização), as ações precedem os objetos, pois, conforme afirma Luchiari (2000, p. 123), “um novo sistema de objetos é introduzido nos lugares para adequar e dar familiaridade ao novo sistema de ações trazido pela demanda social do turismo”. Todavia, as ações podem passar pela influência de objetos pré-existentes, pois segundo Santos (1996), a disposição anterior dos objetos no lugar, também influencia as ações e a inserção de novos objetos.

4 ELEMENTOS DA TERRITORIALIZAÇÃO DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL DE FRANCISCO BELTRÃO

Quando iniciamos nossas pesquisas sobre a configuração do turismo em Francisco Beltrão no ano de 2001, os primeiros dados que teve acesso foram disponibilizados pela prefeitura através do inventário turístico do município. Segundo o inventário, em 2002, Francisco Beltrão possuía 13 pontos turísticos, sendo que apenas quatro estavam localizados na área urbana.

Dos nove atrativos do espaço rural, apenas um (Thermas Internacional do Sudoeste) possuía alguns equipamentos turísticos na época (piscinas, lanchonete, etc.), porém, entre os anos de 2001 e 2003, o empreendimento esteve desativado em virtude de problemas judiciais. Os demais atrativos do espaço rural eram compostos majoritariamente por cachoeiras, porém apenas três (Rio 14, Rio Santana e Rio Santa Rosa) estavam abertos à visitação e possuíam alguns equipamentos básicos (sanitários, pias, área destinada para *camping*). Portanto, cinco atrativos do espaço rural não apresentavam nenhuma condição para recepção de visitantes, sendo somente atrativos com potencial turístico.

Entre os três atrativos abertos à visitação, dois deles (Rio 14 e Rio Santana) eram de propriedade de agricultores familiares. A primeira propriedade rural aberta para visitação em Francisco Beltrão foi o **Recanto do Rio Santana**, no ano de 1990. O atrativo do recanto era a cachoeira do Rio Santana (com cerca de 15 metros de largura e 5 metros de altura) e o próprio rio. A antiga proprietária do Recanto informou que foi a propriedade vizinha que deu início à atividade turística, organizando mesas, bancos, pias e churrasqueiras, e recebendo pessoas, sobretudo jovens, que iam acampar na área.

Percebendo a viabilidade econômica da atividade, passaram a cobrar uma taxa para visitação. Com os lucros obtidos com a taxa e venda de bebidas, iniciaram a organização da propriedade para receber visitantes, inserindo mesas, pias, bancos e churrasqueira, além de tomadas, pontos de luz e um sanitário de madeira (fossa seca). No entanto, a família era extremamente pobre, e sem conhecimentos para administrar o estabelecimento. O local ficou fechado entre 2004 e 2010, porém atualmente encontra-se em funcionamento.

O ponto turístico chamado pela prefeitura de Rio 14, atualmente tem o nome de **Recanto do Dário**, e é um dos estabelecimentos mais antigos e mais frequentados de Francisco Beltrão. Os proprietários do Recanto do Dário, localizado na *linha* São João, resolveram investir na atividade turística em 1998, em função do grande número de pessoas que invadiam as terras para utilizar o rio e a cachoeira para banho. Então, ainda sem orientação, começaram a cobrar pela entrada, instalaram mesas e churrasqueiras, e também um bar para venda de bebidas. Aos poucos, foram modificando o espaço e melhorando a infraestrutura (placas, rede de energia elétrica, pias, banheiros, etc.).

Com o aumento da demanda e considerando a falta de mão-de-obra, a família optou em 2006 por terceirizar a administração da área de lazer. Então, dois bombeiros ficaram responsáveis pela segurança e manutenção da área de lazer, e em contrapartida, obtinham rendimentos por meio da venda de bebidas e outras mercadorias no bar. Os proprietários ficaram responsáveis apenas pela cobrança da entrada, e seus lucros com o lazer ficaram limitados à taxa de entrada. A família também oferece jantares e porções para grupos com agendamento prévio. A partir do verão do ano de 2009 a família voltou a administrar a área de lazer, pois a experiência em terceirizá-la foi avaliada com insatisfatória. Além disso, a permanência dos filhos jovens (um homem e uma mulher) no estabelecimento rural reduziu a falta de mão-de-obra para atender aos visitantes.

A propriedade tem 4,84 hectares, e além da renda proveniente do lazer, possui como principal atividade a criação de frangos através do sistema de integração com a Sadia. Cerca de 50% da renda anual da família provém do aviário, e os 50% demais, da atividade turística, que é concentrada nos meses mais quentes (outubro a março).

Em 2002, o atrativo mais estruturado do município que estava aberto para visitação, localizava-se no ponto turístico cachoeira do Rio Santa Rosa, conforme os dados da prefeitura. A área foi objeto de um empreendimento de lazer e residencial iniciado em 2000. Com o nome de **Recanto Fishing Day Maupemai**, o empreendimento tinha por objetivo ser um atrativo para o lazer e turismo, de modo que a cachoeira foi aproveitada como um dos principais atrativos. O proprietário construiu uma passarela para o acesso à cachoeira, reformou um antigo moinho próximo à mesma, construiu quiosques, bancos, churrasqueiras, uma “praia artificial” próxima às margens do rio, aproximadamente cinco açudes para utilizar como pesque-pague, campos de futebol, um restaurante, entre outros equipamentos. Outra parte da propriedade foi loteada para ser vendida, sendo que esta foi fragmentada em 208 lotes. Em 2004 havíamos sido informados que 87 lotes teriam sido vendidos. Hoje, o empreendimento não está mais aberto à visitação, mas abriga algumas residências.

O quadro a seguir apresenta alguns dados sobre os estabelecimentos rurais abertos à visitação, conforme pesquisa realizada por Candiotto e Troian em 2002. A pesquisa teve por objetivo levantar a infraestrutura, os equipamentos e os atrativos turísticos do município de Francisco Beltrão, porém são apresentados aqui somente os atrativos do espaço rural.

Quadro 1 – Informações sobre os atrativos turísticos do espaço rural de Francisco Beltrão (2002)

ATRATIVO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Fishing Day Maupemai	Linha Santa Rosa, a 11 km do centro, sendo 8 Km de asfalto pela PR-483 e 3 Km de cascalho.	Área particular, com tanques para pesque-pague, cachoeira e moinho com café colonial. Venda de lotes na propriedade. Placa na rodovia.
Recanto do Dário	Linha São João, a 12 km do centro, sendo 9 Km pela PR-483. Placa na rodovia. Comunidade do Rio Quatorze.	Propriedade rural particular. Com duas cachoeiras, mesas e bancos, área p/ camping, sanitários. Há cobrança para visitação e acampamento.
Rancho Dariva	A 3 Km do centro, pela PR-566. Placa na rodovia.	Área particular, com galpão p/ bailes e festas. Locação de campo de futebol. Festa junina e outras.
Cachoeira rio Santana	A 12 Km do centro, na linha São Roque. São 3 Km de asfalto, 6	Cachoeira com 20 metros de largura e 5 m de altura. Duas áreas particulares p/ camping. Uma

	km de calçamento e 3 km de cascalho.	delas com sanitários, água e energia elétrica. Há cobrança para visitação e acampamento.
Linha Jacutinga	A 33 Km do centro, sendo 30Km pela PR-483.	Distrito rural composto por propriedades particulares. Possui duas cachoeiras e uma gruta. Tem grupos de dana, festas, agroindústrias e alguns estabelecimentos com produo orgânica.

Fonte: Candiotto e Troian (2004), com pequenas modificaes

Ao pesquisar a configurao do turismo em Francisco Beltrão a partir de 2001, percebeu-se que até 2002 a oferta turística do município estava limitada a quatro atrativos urbanos, sendo três administrados pela prefeitura municipal e a outros estabelecimentos particulares situados no espao rural. Dos atrativos sob responsabilidade da prefeitura, apenas o Parque de Exposies Jaime Cannet Júnior e o Parque Irmão Cirilo se encontravam adequados para visitao e uso turístico. Já a Pedreira Mãe Natureza, apesar de possuir equipamentos básicos como sanitários e espao para palestras e atividades educacionais, se encontra praticamente abandonada desde 2002, demonstrando o descaso do poder público municipal com esse atrativo.

No que diz respeito aos atrativos particulares, destacava-se a comunidade rural de Jacutinga, que apesar de grande potencial natural e cultural, não apresenta nenhum estabelecimento adaptado ao atendimento de visitantes, sobretudo de turistas.

Em relao aos demais atrativos,   possível afirmar que já em 2002 havia um fluxo turístico significativo, composto principalmente por habitantes do município. Enquanto o rancho Dariva foi se especializando em festas para jovens, com pouca oferta de atividades rurais, os recantos do rio Santana e do Dário se mantiveram menos alterados.

Os atrativos particulares localizados no rural surgiram a partir da iniciativa de seus proprietários, tendo pouca influência da prefeitura municipal ou outro órgão público em sua instituio. Os proprietários dos estabelecimentos mais simples, como o Recanto do Dário e a cachoeira do Rio Santana, decidiram se organizar melhor para receber visitantes a partir de uma demanda composta por amigos, parentes e outras pessoas que conheciam o local e procuravam visitá-lo nos finais de semana. Percebendo o interesse e a necessidade de alguns equipamentos básicos (sanitários, churrasqueiras, bancos, pias), os proprietários passaram a investir no local com recursos próprios e a cobrar uma taxa para a visitao. No entanto, estes comentaram que praticamente não tiveram apoio de órgãos públicos e que só conseguiram investir em melhorias no local a partir dos recursos obtidos com as taxas de visitao e as vendas de produtos, como bebidas e salgados.

Apesar de não serem identificados outros estabelecimentos rurais abertos   visitao na pesquisa de 2002, posteriormente teve-se conhecimento de que mais três estabelecimentos foram abertos para visitao entre 2000 e 2002, sendo o Recanto da Amizade (2000); a Chácara Rios (2001); e o Recanto Renascer (2002). Em pesquisa iniciada em 2004 por Candiotto e Farias, o foco foi direcionado para o turismo no espao rural, de modo que levantou-se e analisou-se oito estabelecimentos, sendo eles: Anila Thermas Hotel; Parque das Laranjeiras (Chácara Rios); Recanto do Dário; Recanto Renascer; Recanto do Rio Santana; Portal das  guas (Fishing Day Maupeimai); Rancho Dariva; Recanto da Amizade. Portanto, além dos atrativos já pesquisados em 2002, foram identificados quatro novos atrativos que foram inseridos na pesquisa de 2004. Um dos resultados dessa pesquisa foi a constatao de uma heterogeneidade na oferta de turismo rural no município, composta por agricultores familiares, empresários, agricultores integrados com grandes agroindústrias, neorurais⁴, entre outros. Percebeu-se também a ampliao das atividades n oagr colas nos estabelecimentos, a reduo de algumas atividades agrícolas, e verificou-se elementos de pluriatividade. Também identificou-se que quatro dos oito estabelecimentos pesquisados eram de propriedade de agricultores familiares.

Procurando dar seq ncia   cronologia da territorializao do turismo no espao rural beltronense, é importante apresentar sinteticamente os demais estabelecimentos.

O **Recanto da Amizade**, localizado no distrito de Nova Concórdia, iniciou suas atividades de lazer por meio de festas de família e de amigos, realizadas em um galpão, onde também havia uma cancha de bocha. Em 1997 foi construído um açude com a intenção de vender peixes e as pessoas começaram a frequentar o local, iniciando a venda de bebidas. A visitação se intensificou a partir de 2000, quando construíram um campo de futebol, onde o time da comunidade disputa o campeonato municipal. Esses jogos movimentam o Recanto quase todos os finais de semana, durante grande parte do ano, proporcionando a venda de bebidas e também servindo refeições e lanches, o que faz com que a sazonalidade não seja apontada como um problema para o negócio.

Promovem eventos anuais que auxiliam na renda, como por exemplo, a Festa Junina e a Festa de Nossa Senhora Aparecida. Porém, mesmo com toda a movimentação e com os serviços oferecidos aos turistas e visitantes, a renda principal da propriedade que possui 12 hectares, continua sendo proveniente da venda do leite.

O **Parque Laranjeiras**, também conhecido como **Chácara Rios**, está localizado na comunidade Água Branca e possui 5 hectares. O ano de entrada no turismo foi entre 2000/2001 sendo que os atrativos ofertados são alguns animais (sobretudo aves), brinquedos infantis, espaço para caminhadas (com árvores identificadas), mirante, campo de futebol, piscina, sanitários, gruta artificial com imagem religiosa, um salão de festas, e três espaços para refeições e eventos, sendo dois construídos em alvenaria e um em madeira. A principal atividade é a oferta de refeições, com destaque para a comida típica italiana, e o aluguel do salão para eventos, sobretudo festas. O casal de proprietários reside no local e se caracterizam como neo-rurais, ou seja, após viverem na cidade durante muitos anos resolveram voltar a morar no campo, adquirindo a propriedade, que hoje gera uma boa renda através da realização de eventos (festas, almoços, jantares, etc.). Apesar de não dependerem financeiramente da agricultura e do estabelecimento, os recentes investimentos em melhorias no local e a construção de uma casa nova para residência da família indicam que a atividade de lazer vem tendo um bom retorno financeiro.

O **Recanto Renacer**, localizado na comunidade Água Vermelha, começou a funcionar em 2002 em razão da necessidade de diversificar a renda da família, visto que a suinocultura, praticada pelo proprietário, estava passando por uma crise. Buscaram então orientações de técnicos do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), que incentivaram a família a aproveitar o espaço que tinham às margens do rio Marrecas, composto por um vasto bosque com árvores nativas e por uma área mais aberta destinada hoje ao lazer, contando com churrasqueiras, bancos e espaço para *camping*.

Da propriedade, que possui 33,88 hectares, 9,68 hectares são utilizados para o cultivo de soja e de milho e a maior parte se encontra preservada. Entretanto, desde 2004, as atividades decorrentes do lazer compõem a principal renda da família (cerca de 70%). Nesse caso, houve uma redução das atividades agropecuárias da família em virtude do aumento do fluxo de visitantes e das atividades de lazer no local. Atualmente a área destinada ao turismo possui casas para locação, lanchonete, mesas, churrasqueiras, banheiros, área para *camping*, playground, duas trilhas ecológicas e campo de futebol. As atividades agrícolas foram ainda mais reduzidas, de modo que hoje quase toda a renda do casal provém do Recanto.

Após ser inaugurado com o nome de **Thermas Internacional Sudoeste** e de ser interdito pelo poder judiciário por alguns anos, a partir do ano de 2004 o estabelecimento foi adquirido pela Franquia Anila de Produtos Coloniais, e passou a se chamar **Anila Thermas Hotel**. Em 2004, empregavam 21 funcionários no estabelecimento de Francisco Beltrão. Contudo, a partir do ano de 2010, o estabelecimento foi fechado, em virtude de problemas com a autorização para o uso das águas termais.

A **Cantina de Vinho Salmória**, localizada no Rio Quibebe surgiu em razão da tradição familiar de produzir vinhos, sendo considerada pelo proprietário, uma atividade prazerosa e não uma atividade econômica, pois o mesmo sempre teve o hábito de produzir vinho para o consumo próprio, e com o aumento da produção começou a comercializar o excedente para os conhecidos.

Apesar de ser construída em 2005 e de já receber fregueses do vinho, a Cantina foi oficialmente aberta à visitação em meados de 2007, em virtude de sua inserção no roteiro “Caminhos do Marrecas”. O proprietário recebe grupos de turistas e faz a demonstração e explicação do processo de produção do vinho, assim como a degustação e a comercialização. Porém, como a produção e a comercialização do vinho ocorrem em um período curto (janeiro a agosto) e a divulgação do empreendimento não vem sendo intensa, os reflexos do turismo ainda não são perceptíveis, e a renda familiar principal continua sendo a aposentadoria do casal.

A propriedade onde está o **Pesque-pague Daniela**, localizada na Seção Progresso, possui 5,45 hectares, 49 tanques para piscicultura e 10 tanques para pesque e pague. A instalação de um pesque-pague é desejo antigo do proprietário por trabalhar há muito tempo com a atividade de piscicultura. Assim, compraram uma área próxima à sua propriedade com a intenção de instalar o pesque-pague, e em 2005, começaram a preparar a área, sendo que em 2006 começaram a atender. Possuem lanchonete para o preparo de peixes e venda de bebidas, área de *camping*, sanitários, mesas e churrasqueiras. O casal trabalha com piscicultura durante a semana e as duas filhas e um genro trabalham no pesque-pague. Nos finais de semana todos trabalham no pesque-pague, sendo que realizam revezamento para que em cada fim de semana alguém possa estar de folga.

Já o proprietário da **Horta Colhe e Pague Santa Inês**, no Rio Quibebe, trabalha no ramo há 15 anos, cultivando diversos tipos de hortaliças. Porém, apenas em 2007 começou a receber a visita de grupos interessados em conhecer a produção de hortaliças e também em adquirir produtos cuja procedência seja conhecida. A EMATER exerceu forte influência na decisão do proprietário, que atualmente pretende investir em equipamentos para atender os visitantes e aumentar seu fluxo turístico. Contudo, a sua renda principal continua se dando através da comercialização dos produtos na feira de Francisco Beltrão e também para alguns restaurantes da cidade.

A propriedade possui 7,26 hectares, sendo que 1,2 hectares são utilizados para a olericultura (hortaliças e legumes). A ideia de abrir o Colhe e Pague Santa Inês veio somente com a possibilidade da formatação do roteiro “Caminhos do Marrecas”, que independente da iniciativa do agricultor, iria passar em frente ao estabelecimento. Em 2008 construíram um quiosque e, além da venda das verduras, servem jantares cujo cardápio é baseado na comida caseira (polenta, galinha caipira, massas, entre outros).

O **Recanto Vale Verde**, localizado na linha Santa Bárbara, começou a ser preparado para receber visitantes em 2005, período em que a família começou a participar do Grupo de turismo rural. Todavia, somente em 2008, após três anos de preparação, sentiram-se prontos para abrir aos visitantes e se inseriram no roteiro “Caminhos do Marrecas”. A propriedade possui 29 hectares, sendo que uma parte é utilizada para produção de soja.

O Recanto Vale Verde conta com uma área de *camping* e chalé às margens do Rio 14, trilhas, banheiros, churrasqueiras, mesas e uma casa de madeira antiga, que pode ser alugada para visitantes que quiserem pernoitar no local sem acampar. Construída em 1966 e conservada em seu estilo original (arquitetura polonesa), a casa é um dos principais atrativos do local e abriga diversos objetos antigos (relógio, cadeiras, camas, entre outros objetos). A renda principal da família é a agricultura, principalmente o plantio de grãos, mas vêm no turismo uma possibilidade de, em breve, contarem com uma renda auxiliar.

Esses três últimos estabelecimentos (Pesque-pague Daniela, Horta Colhe e Pague Santa Inês, e Recanto Vale Verde) tiveram como incentivo à implantação da atividade turística, a criação do “Caminhos do Marrecas” e o apoio da EMATER, que forneceu orientação através de cursos que tratavam da estruturação e organização das propriedades, e também com saídas de campo para visitar outras rotas e outras propriedades, possibilitando um intercâmbio de experiências e de conhecimentos.

No entanto, o principal elemento que vem contribuindo para a territorialização do turismo no espaço rural de Francisco Beltrão não é a institucionalização do roteiro “Caminhos do Marrecas”, mas sim a iniciativa individual da maior parte dos proprietários em abrir seu

estabelecimento para visitação, e a organização coletiva desses agricultores através da formação do “Grupo de Turismo Rural de Francisco Beltrão”.

Dentro da pesquisa intitulada “A territorialização do turismo rural no Sudoeste do Paraná: uma análise a partir de três roteiros municipais” decidiu-se trabalhar com os estabelecimentos rurais abertos à visitação turística em Francisco Beltrão que fazem parte do Roteiro “Caminhos do Marrecas”, criado em 2007 pela EMATER. Por opção metodológica, foram priorizados àqueles estabelecimentos de propriedade de agricultores familiares, sendo que chegou-se a oito estabelecimentos pesquisados, que são os seguintes: Horta colhe-pague Santa Inês; Cantina Salmória; Recanto Renascer; Recanto Vale Verde; Recanto do Dario; Pesque-pague Daniela; Recanto da Amizade; Recanto Ouro Verde. Além destes, destacamos a existência do Anila Thermas Hotel; Parque das Laranjeiras (Chácara Rios); Portal das Águas; e Rancho Dariva, que se constituem em estabelecimentos administrados por empresários ou neorurais. Em relação ao Recanto do Rio Santana, no período da pesquisa esse estabelecimento estava fechado para visitação.

Com base no guia da prefeitura de Francisco Beltrão de 2008; em um guia turístico do Sudoeste do Paraná de 2008; e em pesquisas de campo, foram levantados os atrativos turísticos do município, localizados no espaço rural, que estão em funcionamento.

Quadro 2 – Atrativos turísticos do espaço rural de Francisco Beltrão (2009)

ATRATIVO
Horta colhe-pague Santa Inês*
Cantina Salmória*
Recanto Renascer*
Recanto Vale Verde*
Recanto do Dario*
Recanto da Amizade*
Pesque-pague Daniela*
Recanto Ouro Verde*
Parque das Laranjeiras (Chácara Rios)*
Cantina Graciani
Portal das Águas
Rancho Dariva
Anila Thermas Hotel
Comunidade Jacaré (Igreja)
Golf Clube Francisco Beltrão
Comunidade Jacutinga (gruta, cachoeiras e propriedades agroecológicas)

* Estabelecimentos que compõem o “Caminhos do Marrecas”

Fonte: Guia turístico do Sudoeste do Paraná (2008); Guia Turístico de Francisco Beltrão (2008); Trabalhos de campo

No contexto do espaço rural, a prefeitura municipal vem executando poucas ações de incentivo ao turismo rural, de modo que o crescimento dos atrativos turísticos vinculados ao rural foi influenciado pela iniciativa dos seus proprietários, bem como pela atuação da EMATER, a qual vem buscando auxiliar na organização, planejamento e promoção do turismo rural no município. A EMATER vem tendo forte influência na territorialização do turismo rural em Francisco Beltrão, com destaque para a criação do “Caminhos do Marrecas”, conforme veremos a seguir.

No ano de 2010, foram instaladas placas na entrada dos estabelecimentos rurais, com informações padronizadas a respeito da oferta turística nos estabelecimentos integrantes do roteiro “Caminhos do Marrecas”. A prefeitura também atualizou as informações sobre os estabelecimentos de turismo rural em seu site, permitindo uma divulgação maior do roteiro.

Apesar da mudança de gestão do município a partir de 2013 e da reativação do Conselho Municipal de Turismo, as ações efetivadas pela prefeitura nos últimos anos vêm sendo tímidas. A primeira reunião realizada entre o Grupo do turismo rural e a atual diretora do Departamento de

Turismo, vinculado à Secretaria municipal de Indústria, Comércio e Turismo, ocorreu somente no início de 2014, e teve poucos resultados efetivos até o momento.

5 A ATUAÇÃO DA EMATER NA TERRITORIALIZAÇÃO DO TURISMO RURAL EM FRANCISCO BELTRÃO⁵

No município de Francisco Beltrão, antes da atuação da Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), não havia uma organização do Turismo Rural voltada a congregar os estabelecimentos e a pensar em um roteiro turístico. O que existia eram agricultores trabalhando isolados, com uma oferta utilizada principalmente pela população urbana local.

A atuação da EMATER iniciou-se no ano de 2000, quando foram identificados estabelecimentos rurais ofertando atividades de lazer em rios e cachoeiras. Essas atividades, ao desencadear alguns impactos ambientais, sobretudo ligados ao despejo e queima de lixo, chamaram a atenção de técnicos da instituição. Posteriormente, foi observada a questão de haver um potencial turístico ainda não explorado de maneira adequada. Segundo S. B. (informação verbal, 2009), neste panorama, a primeira atitude tomada buscou identificar as potencialidades turísticas e agir no sentido de unir e capacitar esses agricultores que já vinham trabalhando, isoladamente, com atividades de lazer.

A técnica da EMATER S. B. também participou de oficinas de capacitação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que contribuíram para sua formação técnica na área e para ampliar seu conhecimento em torno das propriedades abertas e/ou com potencial para atividades de turismo rural.

A maior parte dos estabelecimentos rurais abertos à visitação iniciou seus trabalhos depois do ano de 2000, quando a EMATER passou a dar apoio à atividade turística rural no município. No entanto, nas entrevistas com os proprietários dos estabelecimentos, percebeu-se que a iniciativa em receber visitantes nasceu dos proprietários, que já recebiam pessoas da comunidade ou amigos e que optaram por se organizar para melhorar seus atrativos, o atendimento e aumentar a renda. Apesar disso, alguns proprietários decidiram investir no turismo somente após constatar o bom andamento da atividade em outros estabelecimentos, ou seja, após perceber que o turismo rural se constitui em uma atividade lucrativa.

Ao iniciar o trabalho de organização do turismo rural no município, a EMATER buscou fazer com que os proprietários e familiares se conhecessem e se unissem em torno de um objetivo em comum, buscando evitar a concorrência interna. Assim, trabalhou-se com a ideia de que quanto mais unidos eles estivessem para organizar e divulgar o turismo rural do município, seja para a comunidade local ou no Sudoeste, mais sucesso teriam⁶. Essa organização informal existe até hoje e é muito importante para o desenvolvimento do turismo rural no município.

Em 2002, amplia-se a organização dos proprietários de empreendimentos com alguma oferta turística através da criação do “Grupo de Turismo Rural” no município. A partir daí, surge o debate sobre a viabilidade de criação de uma associação de empreendedores do turismo rural. No entanto, o grupo opta por manter-se organizado, mas sem constituir uma associação formal, pois isso envolveria custos e burocracia.

Segundo S. B. buscou-se trabalhar com a união dos proprietários e com o desenvolvimento coletivo dos estabelecimentos, a fim de evitar disputas e conflitos internos. Foi necessário saber trabalhar com as disparidades, ou seja, com as propriedades que se encontravam em estágios mais avançados e que, portanto, possuíam dificuldades e necessidades diferentes daquelas que estavam iniciando o processo.

Além do apoio na formação do “Grupo de Turismo Rural”, destaca-se também a atuação da EMATER no desenvolvimento do turismo rural em Francisco Beltrão, através do investimento na área de capacitação. A instituição proporcionou aos proprietários de estabelecimentos e suas

famílias a participação em cursos, que abordaram diversos temas, desde a parte burocrática e administrativa da propriedade até jardinagem e culinária. Ressaltamos que a maior parte desses cursos foi ofertada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a partir da iniciativa da EMATER.

Nesse processo evolutivo de organização do turismo rural em Francisco Beltrão, alguns agricultores e proprietários acabaram optando por deixar de receber visitantes, enquanto outros se mantiveram na atividade. Também houve casos de inserção de alguns proprietários nas reuniões do “Grupo do Turismo Rural”, iniciadas em 2002, e/ou no roteiro “Caminhos do Marrecas”, criado em 2007.

Segundo S. B., todo início de ano os integrantes do Grupo apontam as necessidades e, em cima disso, buscam juntamente com a EMATER, cursos para suprir suas fragilidades. Como atividade importante para a capacitação e fortalecimento do grupo, são realizados cursos e excursões para visitar outras experiências turísticas, analisando de que maneira o processo se deu em determinado lugar e quais as lições que podem ser tiradas para o turismo em Francisco Beltrão.

Outra atividade proporcionada pela EMATER foi a consulta de turismólogos para avaliar o potencial turístico do município e das propriedades em si, através de parcerias com entidades como a EcoParaná e a Paraná Turismo (órgãos de turismo do governo estadual). Nas visitas realizadas em 2004, foram analisados os potenciais turísticos e constatada a viabilidade do investimento na atividade turística.

6 O ROTEIRO DE TURISMO RURAL “CAMINHOS DO MARRECAS”

A partir do trabalho da EMATER iniciado em 2000, e das reuniões e debates realizados pelo “Grupo” de empreendedores ligados ao turismo rural, iniciadas em 2002, no ano de 2007 houve a formação do Roteiro “Caminhos do Marrecas”, ou seja, um roteiro de turismo rural que permitisse ao turista conhecer vários atrativos em um único dia. Os estabelecimentos que vieram a fazer parte deste roteiro foram selecionados em razão da proximidade geográfica destes, sendo que alguns proprietários de estabelecimentos que fazem parte do Grupo de turismo rural não foram inseridos no Roteiro.

S. B. informou que a ideia da formatação de um roteiro surgiu da necessidade de oferecer um pacote de atividades que pudesse ser realizado durante determinado trajeto, com propriedades próximas umas das outras e com opções variadas de lazer. No entanto, sabemos que a formatação de circuitos e roteiros turísticos vem sendo incentivada pelos órgãos de turismo do estado do Paraná, como a Ecoparaná e Paraná Turismo, que direta ou indiretamente acabam influenciando a formação de roteiros turísticos pelo estado⁷.

O roteiro de turismo rural “Caminhos do Marrecas” é composto por seis empreendimentos: Recanto do Dário; Recanto Vale Verde; Recanto Renascer; Vinhos Salmória; Horta Colhe e Pague Santa Inês; Parque Laranjeiras/Chácara Rios. No início, o empreendimento denominado “Recanto das Aves” também fazia parte do roteiro, porém a proprietária decidiu sair do roteiro por falta de mão-de-obra para o atendimento dos visitantes.

Percebe-se que alguns membros do Grupo de turismo rural não tiveram seus estabelecimentos inseridos no roteiro, como o Recanto da Amizade, Pesque-pague Daniela e Recanto Ouro Verde. A justificativa da técnica da EMATER é que esses estabelecimentos estão distantes dos demais, dificultando a realização de um circuito turístico. No entanto, estes estabelecimentos participam do planejamento das atividades do roteiro e foram incluídos no material de divulgação do roteiro “Caminhos do Marrecas”, produzido em maio de 2009.

Lançado em 2007, o “Caminhos do Marrecas” foi formatado pela EMATER como um produto turístico localizado no espaço rural do município de Francisco Beltrão. Apesar de uma cerimônia de criação; da divulgação da formação do roteiro em meios de comunicação; da criação de um logotipo do roteiro e de um material de divulgação; e da confecção de placas do roteiro nas

entradas dos estabelecimentos, até o momento, poucas ações foram direcionadas para incrementar o fluxo turístico nos estabelecimentos rurais do roteiro.

No primeiro semestre de 2009 foi feito um encontro com agricultores de municípios do Sudoeste ligados ao turismo rural, de modo que houve palestras de técnicos da EMATER, rodada de negócios e falas de agricultores sobre suas experiências. Tal encontro buscou divulgar os roteiros e atrativos para a imprensa local e regional, e conseqüentemente, para a população sudoestina. No mesmo semestre, o Grupo de Turismo Rural de Francisco Beltrão também participou de um evento em Tibagi – PR, no qual a técnica S. B. fez uma palestra sobre a criação do roteiro, e uma divulgação do mesmo para os demais participantes.

O grupo continua se reunindo, mas de forma esporádica. Percebe-se que sem o incentivo da técnica da EMATER, dificilmente o grupo toma a iniciativa de se reunir e de pensar atividades coletivas. Desde o final de 2012, a partir de sugestão da técnica da EMATER, o Grupo passou a organizar a “Caminhada na Natureza”, evento que ocorre em outros municípios e que tem o objetivo de levar as pessoas a caminhar pelo meio rural, tendo como ponto base um estabelecimento aberto ao turismo rural. Em 2013, no Recanto Renascer, ocorreu a primeira Caminhada.

No processo de formatação do Roteiro “Caminhos do Marrecas”, instituições vinculadas ao estado do Paraná (EcoParaná e Paraná Turismo), bem como instituições de abrangência nacional, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), exerceram algum tipo de influência, seja na capacitação, em consultorias e em reuniões com representantes do poder público municipal, EMATER e com proprietários de estabelecimentos abertos ao turismo rural. Nesse sentido, considerando que a formação dos técnicos destas instituições acaba sendo padronizada no estado e no país, e por sua vez, influenciada pela lógica economicista predominante na atual fase global do capitalismo - conforme discutido em Candiotti (2007) - tais instituições são portadoras de verticalidades, restringindo o turismo a mais um negócio, que deve gerar lucros, sobretudo para os empresários ligados ao setor. Desta forma, as verticalidades vão sendo incorporadas nos lugares (nesse caso no município), coexistindo com as horizontalidades, que correspondem às ações exercidas pelos sujeitos do lugar, no lugar.

Apesar de algumas ações para divulgação do “Caminhos do Marrecas”, ainda existem problemas estruturais para seu desenvolvimento. Não há um meio de transporte para que o turista que não estiver com veículo próprio possa fazer o roteiro; não existe nenhuma placa ou outra informação sobre o roteiro dentro da cidade, nem nos acessos a Francisco Beltrão, mas somente nas entradas dos estabelecimentos integrantes; não há nenhum posto de informação turística no município; e poucos habitantes conhecem o roteiro ou sabem da existência deste. Portanto, o “Caminhos do Marrecas” ainda não se encontra consolidado, seja na tecnosfera (plano material), seja na psicofera (imaginário).

Nas saídas de campo e nas entrevistas, foi possível constatar que o processo de adaptação das propriedades ao turismo no espaço rural aconteceu diferentemente em cada uma, principalmente, observando-se os objetivos de cada família com o turismo, a capacidade financeira para investimentos, e o grau de informações a respeito da gestão do turismo rural. Algumas unidades estudadas estão em processo de implantação, ainda sem muitas modificações espaciais e sociais em razão desta atividade, como é o caso da Cantina de Vinho Salmória, da Horta Colhe e Pague e do Recanto Vale Verde. Entretanto, as demais propriedades nas quais se efetivaram atividades turísticas há algum tempo já foram territorializadas pelo turismo, haja vista que houve importantes mudanças em termos de objetos e ações existentes nas propriedades, que por sua vez, modificaram a dinâmica socioespacial de cada propriedade, que já se constituía em um território pré-existente, porém sob pouca ou nenhuma influência das atividades de lazer e turismo.

Nesse processo de territorialização, as horizontalidades (dos proprietários de estabelecimentos e de sujeitos locais) inter-relacionam-se com as verticalidades (das instituições extra-locais, de técnicos que representam estas instituições, e mesmo de outros sujeitos locais,

podendo estar incluídos entre estes, os próprios proprietários de estabelecimentos). Assim, o global e o local relacionam-se constantemente, conforme apontado por Santos (1996).

Cada estabelecimento possui um processo de formação e uma dinâmica socioespacial particular, de modo que o roteiro turístico e a própria territorialização do turismo acabam sendo influenciados pelas ações individuais realizadas em cada estabelecimento. Contudo, existem ações coletivas do grupo de empreendedores, da EMATER e de outras instituições, que são fundamentais no desenvolvimento do “Caminhos do Marrecas” e, principalmente, na territorialização do turismo no espaço rural de Francisco Beltrão, conforme procurou-se demonstrar nesse artigo.

7 CONSIDERAÇÕES

O turismo é uma atividade econômica que difere das outras, pois se apropria do espaço e o transforma em mercadoria. Ao mesmo tempo em que se apropria do espaço, também produz novos territórios, a partir do estabelecimento de novas relações sociais e de poder. Os objetos e as ações direcionados ao desenvolvimento do turismo contribuem para o processo de territorialização do turismo.

Conforme procurou-se demonstrar, a territorialização do turismo no espaço rural de Francisco Beltrão inicia-se a partir da abertura isolada de estabelecimentos rurais à visitação no início da década de 1990, porém esse fenômeno se amplia no final da década de 1990. Assim, o turismo inicia seu processo de territorialização no espaço rural beltronense nesse período, porém as ações mais marcantes ocorrem a partir de 2000, quando a EMATER se envolve no processo, contribuindo para a organização dos envolvidos e para a formação do “Grupo de Turismo Rural” do município em 2002, composto pelos proprietários dos estabelecimentos abertos à visitação, sobretudo agricultores. Apesar da capacitação da técnica da EMATER ter ocorrido com base em cursos do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que por sua vez provém de uma lógica global de expansão e descentralização do turismo, ou seja, de uma verticalidade, a atuação da técnica também procurou levar em consideração as concepções e posições dos proprietários de estabelecimentos rurais participantes do Grupo de Turismo Rural de Francisco Beltrão, que geralmente caracterizam horizontalidades nesse processo. Esse elemento é mais um indicador da hibridiz e da coexistência entre verticalidades e horizontalidades.

A criação a partir de 2002 do “Grupo de Turismo Rural” constitui um novo território dentro do território turístico de Francisco Beltrão. Além dos empreendedores, o grupo é liderado pela técnica da EMATER, que organiza as reuniões e repassa as informações vindas do poder público municipal, estadual e federal. Há uma relativa coesão entre o grupo, que vem ampliando suas atividades coletivas, sobretudo festas, refeições e outros eventos organizados em conjunto. Isso é um forte indicador de união entre os proprietários de estabelecimentos, e demonstra que, apesar dos interesses individuais, existem ações coletivas que acabam sendo priorizadas no processo de organização dos proprietários de estabelecimentos abertos à visitação.

Instituído em 2007, o Roteiro de Turismo Rural do município de Francisco Beltrão denominado “Caminhos do Marrecas” ainda não é um roteiro turístico consolidado, pois não há um fluxo turístico considerável. No entanto, a chancela do Estado frente essa iniciativa (de organizar os atrativos em um roteiro), legitima o processo de territorialização do turismo no espaço rural de Francisco Beltrão, e forma outro território, específico daqueles envolvidos com o roteiro. Até o momento, o território mais atuante no desenvolvimento do turismo rural é o “Grupo do Turismo Rural” e não somente àqueles vinculados ao “Caminhos do Marrecas”. Isso ocorre porque o roteiro ainda não está consolidado e porque o principal fórum de debate e deliberações coletivas continua sendo o Grupo.

A maior parte dos empreendedores afirma que não houve grandes mudanças em suas vidas a partir de sua inserção no turismo, pois a demanda é pequena e o turismo ocupa pouco tempo da família. Por enquanto, o turismo se configura como atividade econômica complementar secundária

na maioria das propriedades, sendo que em algumas, predomina a renda advinda de atividades agropecuárias, e em outras, a renda obtida através de atividades assalariadas externas. Contudo, existem casos aonde o turismo vem ganhando importância crescente como fonte de renda da família, como no Recanto Renascer, Pesque-pague Daniela e Parque das Laranjeiras. Em todos os estabelecimentos, o turismo se apresenta como uma importante fonte de renda, porém em nenhum, é a única.

Entende-se que, quanto mais o turismo se territorializa, maiores são suas implicações socioespaciais, e as transformações ocorridas nos estabelecimentos para adaptação da oferta aos “gostos” da demanda (visitantes). No entanto, como o fluxo turístico para o espaço rural de Francisco Beltrão ainda é pequeno, as consequências/impactos do turismo não foram muito significativas para os proprietários e para o município.

No que tange o apoio da prefeitura municipal, verificou-se que esta vem deixando a desejar, seja no incentivo ao turismo rural, em sua divulgação ou na regulação do mesmo. Apesar da reativação do Conselho Municipal de Turismo em 2013, que se encontrava desativado desde 2003, este ainda não realizou alguma ação direta de apoio ao turismo rural, seja para o “Caminhos do Marrecas”, seja para o Grupo do Turismo Rural.

Algumas reivindicações do Grupo são apresentadas à prefeitura, sobretudo em relação a melhorias nas estradas antes do período de maior visitação, que ocorre a partir de outubro. Geralmente, essas reivindicações são atendidas, mas nem sempre no período solicitado, ou seja, antes da “alta temporada” (verão). Assim, mesmo que de forma lenta e com pouco apoio do poder público municipal, o turismo vem se territorializando no espaço rural de Francisco Beltrão, seguindo uma tendência que é passível de constatação em vários municípios brasileiros, que preocupados com novas fontes de emprego e renda para o rural, passam a incentivar, divulgar, e, de forma mais tímida, organizar roteiros de turismo no espaço rural.

NOTAS

¹ Artigo produzido a partir de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq dentro do edital nº. 03/2008. Título da pesquisa: “A territorialização do turismo rural no Sudoeste do Paraná: uma análise a partir de três roteiros municipais”.

² Discordamos do termo territorialidade *sedentária* por parte dos habitantes de núcleos receptores, pois geralmente os sedentários são os turistas, que viajam para descansar e se divertir. Por sua vez, é a população local quem trabalha, cabendo a esta, servir e receber bem os turistas.

³ A territorialização turística pode também ser entendida como turistificação, desde que o conceito de turistificação incorpore, além da dimensão técnica e econômica, a dimensão política e social do turismo.

⁴ Os neorurais correspondem àquelas pessoas que residiam nas cidades e optam por residir no espaço rural, em busca de tranquilidade e contato com o campo. Muitos neorurais acabam montando algum negócio ligado ao lazer ou turismo rural (pousada, restaurante, pesque-pague, área de lazer).

⁵ As informações deste item do texto foram extraídas de uma entrevista realizada com S. B., técnica da EMATER responsável pela organização de ações da instituição no que tange o turismo rural no município.

⁶ Ressaltamos nossa participação nesse processo, através de reuniões com os agricultores e com a técnica da EMATER, nas quais procuramos enfatizar a importância da organização coletiva dos

envolvidos, e a pertinência da criação de um plano de ações para cada estabelecimento e para o desenvolvimento do roteiro turístico.

⁷ Para mais informações, ver Candiotto (2009).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? algumas reflexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 7, 2004, Curitiba. **Anais... UFPR/UNICENP**, 2004. (CD-ROM).

BALDO, S. **Entrevista com técnica da EMATER de Francisco Beltrão**, 2008.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Turismo rural na agricultura familiar: uma abordagem geográfica do Circuito Italiano de Turismo Rural**, município de Colombo – PR. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. A materialização do Circuito Italiano de Turismo Rural (CITUR), Colombo – PR: verticalidades, horizontalidades e intencionalidades. **Investigaciones Geográficas**, Mexico, n. 69, p. 96-112, ago 2009.

CANDIOTTO, L. Z. P; TROIAN, A. Diagnóstico dos atrativos turísticos do município de Francisco Beltrão. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 7, 2004. Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: UFPR/UNICENP. 2004 (CD ROM).

CARA, R. B. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 86-93.

CORIOLOANO, L. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amália I.; ARROYO, Monica; SILVEIRA, Maria L. (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>>. Acessado em: 22 Ago. de 2007.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FARIAS, A.; CANDIOTTO, L. Z. P. Empreendimentos de Turismo Rural em Francisco Beltrão: uma análise geográfica. In: ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UNIOESTE E ENCONTRO DE GEOGRAFIA DO SUDOESTE DO PARANÁ, 9 e 3, 2004. Francisco Beltrão, PR. **Anais...** Francisco Beltrão: UNIOESTE. 2004. p. 198-201.

FARIAS, A.; CANDIOTTO, L. Z. P. Heterogeneidades na configuração do lazer e turismo no meio rural em Francisco Beltrão - PR. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3 e 2, 2005, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: UNESP, 2005. (CD-ROM).

KNAFOU, R. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr. (Org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. p. 62-75.

LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. In: FARIA, I. F. (Coord.). **Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 2001. p. 17-31.

LUCHIARI, M. T. D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, C; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p.105-130.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Inventário turístico de Francisco Beltrão**. Francisco Beltrão, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Guia turístico de Francisco Beltrão**. Francisco Beltrão, 2008/2009.

RODRIGUES, A. B. Turismo e territorialidades plurais: lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: LEMOS, A. I.; ARROYO, M; SILVEIRA, M. L. (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/17rodrigu.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVEIRA, Marcos A. T. da. **Turismo, políticas públicas de ordenamento territorial e desenvolvimento**: um foco no estado do Paraná no contexto regional. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002.

SINDICATO DOS HOTÉIS, RESTAURANTES, BARES E SIMILARES DO SUDOESTE DO PARANÁ. **Guia turístico Sudoeste do Paraná**. Pato Branco, 2008.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

Data de submissão: 17.01.2015

Data de aceite: 06.08.2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.